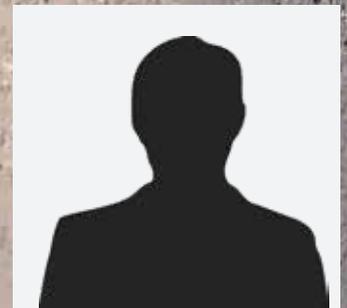


diálogos

no espaço democrático



JOGADORES ANÔNIMOS: COMO ELES TRABALHAM PARA SALVAR PESSOAS DO JOGO COMPULSIVO



Conversa com

"JOÃO"

Integrante da Irmandade
dos Jogadores Anônimos



diálogos no espaço democrático são publicações do Espaço Democrático, a fundação para estudos e formação política do PSD

Cresce o número de jogadores compulsivos. Até adolescentes já procuram ajuda.

A estimativa foi divulgada pelo Banco Central: entre R\$ 18 bilhões e R\$ 21 bilhões têm sido gastos mensalmente por pessoas físicas nas plataformas de apostas - as chamadas *bets* - e nos cassinos on-line, que oferecem jogos como o popular Tigrinho. Com base nos dados de transferências por PIX para as bancas virtuais, o BC calcula que por volta de 24 milhões de brasileiros realizaram ao menos uma transferência para essas empresas entre janeiro e agosto de 2024. O próprio presidente do BC disse que as plataformas de apostas e os jogos on-line podem estar aumentando a inadimplência das famílias.

Por trás dos números bilionários movimentados pelas empresas de apostas está a faceta mais dramática deste processo: as histórias muitas vezes trágicas enfrentadas por famílias desarranjadas social e financeiramente por jogadores compulsivos, vítimas de um distúrbio psiquiátrico conhecido como jogo patológico - o vício em jogar.

Uma das poucas instituições que auxiliam pessoas a enfrentarem a compulsão é a **Irmandade Jogadores Anônimos (JA)**, criada em 1957, em Los Angeles (EUA), e no Brasil desde 1983. O trabalho desenvolvido pela

comunidade foi detalhado por um de seus integrantes, identificado apenas pelo pseudônimo de "João", em uma entrevista para um podcast do Espaço Democrático - a fundação para estudos e formação política do PSD.

"Nós não fazemos estatísticas, mas percebemos que depois da pandemia o crescimento do número de pessoas que querem ajuda para deixar o jogo foi exponencial", contou. E a faixa etária dos compulsivos que buscam a JA vem caindo: "Hoje são jovens entre 20 e 30 anos, mas já temos até mesmo adolescentes que procuram ajuda, levados por seus responsáveis".

Coordenado pelo jornalista **Sérgio Rondino**, o *podcast* teve a participação do sociólogo **Tulio Kahn**, dos economistas **Roberto Macedo** e **Luiz Alberto Machado**, dos cientistas políticos **Rubens Figueiredo** e **Rogério Schmitt**, do gestor público **Januario Montone**, do advogado e empresário **Helio Michelini**, da secretária da Fundação Espaço Democrático, **Ivani Boscolo**, do superintendente da fundação, **João Francisco Aprá**, e do jornalista **Eduardo Mattos**.

Esta é a íntegra daquela conversa realizada em **setembro de 2024**.

Boa leitura.

O jogo fez com que você tivesse dificuldades ▶

REUNIÕES ON-LINE (ZOOM)

Para ter acesso, chame a linha de ajuda, no WhatsApp. 11 99571 6942

www.jogadoresanonimos.com.br

Sérgio Rondino - Você já ouviu falar dos Jogadores Anônimos? Neste podcast do Espaço Democrático você vai saber quem são e como atuam os homens e mulheres que lutam para ajudar as vítimas do jogo compulsivo.

Um deles, que precisa ficar anônimo e, portanto, chamaremos apenas por João, é o entrevistado de hoje neste podcast do Espaço Democrático.

João, nós queremos trabalhar esse tema da jogatina no Brasil. Parece estar havendo uma reação inicial a essa jogatina desenfreada promovida por centenas de bets não regulamentadas, legais e ilegais, e sobretudo pela enxurrada de propaganda no rádio, na televisão e na Internet, levando as pessoas ao jogo. O senador Omar Aziz, que é do PSD, pediu à Procuradoria-Geral da República que o governo suspenda todas essas bets até a regulamentação. E nós aqui no Espaço Democrático estamos tentando tratar desse tema por vários ângulos. Um desses aspectos é o trabalho do João, que faz parte de uma entidade - confesso que desconhecia a existência - chamada Irmandade Jogadores Anônimos, que é similar aos Alcoólicos Anônimos. São pessoas que têm experiências no enfrentamento de seu próprio vício e dividem essas experiências com outras vítimas do problema.

Consultores do Espaço Democrático reunidos para ouvir o depoimento do representante dos Jogadores Anônimos: Tulio Kahn, Eduardo Mattos, Sérgio Rondino, Rubens Figueiredo, Luiz Alberto Machado, João Francisco Aprá, Roberto Macedo e (de costas) Ivani Boscolo e Rogério Schmitt. Online participaram Januario Montone e Hélio Michelini.



João, eu quero dar as boas-vindas a você e começar pedindo para que fale sobre o que é a atividade desta sua entidade, a Irmandade dos Jogadores Anônimos.

João - Muito obrigado, agradeço pelo interesse na Irmandade Jogadores Anônimos. Eu estou usando um pseudônimo, já que na Irmandade nós não nos identificamos, daí ser chamada de Anônimos. É uma irmandade que funciona exatamente como os Alcoólicos Anônimos e usa o mesmo programa de recuperação, que tem 12 passos, reuniões, 12 tradições e vários outros instrumentos de ajuda ao jogador compulsivo.

Os Jogadores Anônimos existem nos Estados Unidos, onde foram fundados, desde 1957. Aqui no Brasil, o primeiro grupo surgiu em 1983. E naquela época não havia jogos como hoje. Digamos que eram jogos analógicos: turfe, baralho, Loteria Esportiva, Raspadinha e já existiam as primeiras máquinas de videopôquer, que eram colocadas nos botecos. Fosse o jogo legal ou ilegal, era o motivo da chegada de pessoas nos grupos de jogadores anônimos pedindo ajuda, face à compulsão que apresentavam, muitos com a vida bem destruída - casamento, pessoas que tentaram o suicídio e vários outros casos graves. Chegando no grupo a pessoa dá início a um processo de recuperação.

Isso aconteceu pouco antes do surgimento dos bingos, que eram legais na época - embora houvesse também os bingos ilegais. E tanto vinham pessoas dos bingos legais quanto dos ilegais, tanto dos jogos legais quanto dos jogos ilegais. Então, a gente não faz distinção entre jogo legal e ilegal e nem opinamos em relação a isso. Nem nos envolvemos em polêmica. O nosso único intuito nos grupos de Jogadores Anônimos é ajudar as pessoas que querem parar de jogar e recuperar uma maneira normal de pensar e viver.

Sérgio Rondino - Existe uma espécie de ranking dos jogos que seriam mais difíceis de abandonar do que outros? Ou o vício é abrangente, é tudo igual?

João - Antigamente, para jogar, fosse compulsivo ou não, o jogador teria que se deslocar da sua casa até o local do jogo. Hoje o jogo está na internet, está no celular, está no banheiro, no quarto, no cantinho de qualquer lugar, está no meio de uma reunião como essa. Em qualquer lugar você tem acesso ao jogo. É daí, creio eu, que surge uma dificuldade maior porque, por exemplo, um jogador de bingo tinha que ir ao bingo jogar. Agora você abre um aplicativo no celular e pode realizar seu jogo ali. E tanto vale para bet como para qualquer outro tipo de jogo. Não saiu do mundo presencial, mas grande parte migrou do presencial para o on-line, assim como as reuniões. Estou aqui fazendo uma reunião com vocês sem estar presente. Tudo na vida mudou a partir da internet. Com o jogo não foi diferente.

Sérgio Rondino - Uma pergunta do professor Luiz Alberto Machado. Machado, sua pergunta, por favor.

Luiz Alberto Machado - João, a gente acompanha há muito tempo a polêmica envolvendo a legalização dos cassinos no Brasil. E os cassinos, claro, têm os aspectos, talvez, ruins - muita gente fala de lavagem de dinheiro, etc. -, mas os cassinos têm uma vantagem em relação a esses jogos, que é criar uma série de oportunidades de trabalhos paralelos para músicos, artistas, para shows. Além de criar emprego, cria pontos de turismo. Essa questão do vício do cassino é tão complicada quanto a das bets ou não?

João - Olha, eu vou falar da minha experiência pessoal. Eu parei de jogar no ano de 1993. Então, de lá para cá são 33 anos. Passaram os bingos e



OLHA, EU VOU FALAR DA MINHA EXPERIÊNCIA PESSOAL. EU PAREI DE JOGAR NO ANO DE 1993. ENTÃO, DE LÁ PARA CÁ SÃO 33 ANOS. PASSARAM OS BINGOS E EU NUNCA ENTREI NUM BINGO SENDO UM JOGADOR COMPULSIVO. PASSAM AGORA AS BETS E EU NUNCA APOSTEI EM BETS SENDO UM JOGADOR COMPULSIVO. PASSA O TIGRINHO E VÃO PASSAR TANTOS OUTROS JOGOS. ENTÃO, A MINHA PREOCUPAÇÃO, TANTO QUANTO A PREOCUPAÇÃO DE QUALQUER ADICTO, É CUIDAR DE SI MESMO, CUIDAR DA SUA PRÓPRIA ABSTINÊNCIA. NÓS NÃO ESTAMOS AQUI PREOCUPADOS COM A ABOLIÇÃO DO JOGO, COM A NÃO ABOLIÇÃO DO JOGO, COM O JOGO SER LEGAL, NÃO SER LEGAL, COM DAR EMPREGO, NÃO DAR EMPREGO. NÓS ESTAMOS NOS CUIDANDO PARA QUE NÃO ENTREMOS NO AMBIENTE DO JOGO PORQUE SENÃO SEREMOS LEVADOS. ASSIM COMO O ALCOÓLATRA NÃO DEVE ENTRAR NUM BOTEQUIM E PEDIR A SUA PRIMEIRA DOSE”.

eu nunca entrei num bingo sendo um jogador compulsivo. Passam agora as bets e eu nunca apostei em bets sendo um jogador compulsivo. Passa o Tigrinho e vão passar tantos outros jogos. Então, a minha preocupação, tanto quanto a preocupação de qualquer adicto, é cuidar de si mesmo, cuidar da sua própria abstinência. Nós não estamos aqui preocupados com a abolição do jogo, com a não abolição do jogo, com o jogo ser legal, não ser legal, com dar emprego, não dar emprego. Nós estamos

nos cuidando para que não entremos no ambiente do jogo porque senão seremos levados. Assim como o alcoólatra não deve entrar num botequim e pedir a sua primeira dose.

Então, na Irmandade Jogadores Anônimos a preocupação de cada membro é cuidar de si próprio, cuidar da sua própria abstinência. E aí a gente estará livre do que vier pela frente. Eu acho que cada vez vai aparecer uma coisa nova, mas o mundo do jogo não nos interessa mais.

Eduardo Mattos - João, hoje a maior parte dos dependentes que vocês recebem aí são viciados em que tipo de jogo?

João - Eu posso dizer que, atualmente, a maioria das pessoas vem das bets. E também houve uma mudança, não tenho números, nós não fazemos estatísticas, mas são percepções. Houve uma mudança na qual o público jovem começa a aparecer nos Jogadores Anônimos a partir dessas bets.

Eduardo Mattos - A faixa etária das pessoas que procuram ajuda com vocês está se reduzindo?

João - Hoje, sim. Antigamente você não encontrava um adolescente, por exemplo, entrando num grupo. E hoje você encontra, pode até ser capaz de encontrar um adolescente que tenha sido levado para uma reunião através do seu responsável. E muitos jovens também. Aí entra na faixa entre 20 e 30 anos, houve um aumento muito grande. E até menos. Isso é fato.

Sérgio Rondino - Agora a pergunta do Januario Montone.



Januário Montone - Na verdade, ele já respondeu com a pergunta do Eduardo. Eu queria saber do João... Primeiro, agradecer por compartilhar a sua

experiência, essas coisas são sempre muito difíceis, mas eu queria saber exatamente isso, se já dá para sentir o impacto. Você falou das várias ondas, dos vários tipos de jogos que foram se sucedendo, eu queria saber se já é perceptível o aumento do número de compulsivos que procuram os Jogadores Anônimos a partir dessas novas modalidades, as bets e todos os outros jogos eletrônicos. Mas você já estava colocando isso. Agora, essa questão da faixa etária é mais preocupante, não é, João?

João - Olha, o aumento é espantoso. Hoje chegam mensagens dos lugares mais distantes do Brasil, pelo WhatsApp. Nós fizemos uma espécie de *call center* de WhatsApp no qual temos uma linha telefônica e cinco pessoas que se revezam no atendimento. E quando você vai ver a localidade de onde vem os pedidos de ajuda, são cidades muito pequenas. E entendemos, porque a internet está em todos os cantos. Então, é muito pedido de ajuda, uma expansão da Irmandade. Estão começando a surgir novos grupos presenciais e há as reuniões on-line também.

Creio que tenha sido da pandemia para cá. Esse aumento é quase que exponencial. E a Irmandade vem tentando, através de reuniões on-line, de abertura de novos grupos, atender a essas pessoas para que elas possam manter-se abstinentes do jogo, perder o desejo de jogar com a prática do programa e recuperar suas vidas, sua família, seu emprego, sua saúde emocional, sua saúde espiritual, pagar as suas dívidas e tornar-se uma pessoa útil. Porque, se estiver jogando, a doença é progressiva e a pessoa pode chegar até ao crime sem ter noção do que está acontecendo. Muitos dos que estão na rua pedindo esmola, você vai entrevistar, vai ver as compulsões como resultado da vida que cada um deles leva.

Sérgio Rondino - A próxima pergunta agora é do cientista político Rubens Figueiredo.

Rubens Figueiredo - Boa tarde, João. Obrigado por compartilhar com a gente a sua experiência. Verdadeira ou não, existe uma ideia de que o brasileiro gosta de jogar. Então, nós temos uma grande tradição de jogo do bicho, por exemplo, e das loterias que são patrocinadas pelo governo - houve uma época em que a loteria esportiva era uma febre. Tem um ponto em que o jogo, como diversão, começa a se tornar uma compulsão. Você poderia contar um pouco sobre essa transição, da diversão para a compulsão, e se essa compulsão por jogo está muito associada a outros vícios, como, por exemplo, o alcoolismo?

João - Olha, eu vou falar primeiramente de mim, né? Eu já estou na terceira idade, mas quando criança, lá pelos anos 1960... A minha mãe foi uma pessoa analfabeta, criada nos laranjais de Araruama, que veio para o Rio de Janeiro adolescente e ainda analfabeta. Passou a viver no Rio de Janeiro, onde se casou duas vezes - eu sou resultado do segundo casamento dela. Naquela época ela era lavadeira de roupa do bairro em que eu morava, que era um bairro pobre... Naquela época praticamente não existia favela no Rio de Janeiro, mas havia os bairros mais pobres, que hoje não são tão pobres assim face à expansão da cidade. Então, a minha mãe, como jogadora do bicho, fazia os jogos dela. Eu já era um garoto esperto, lá com meus seis, sete aninhos, já estava na escola. Eu fazia os jogos dela, ia no bicheiro jogar. Naquela época você via as pessoas jogarem no bicho. Então, eu assistia a minha mãe passando pelas necessidades, as dificuldades da vida e de repente fazer um jogo do bicho, ganhar e sair pela rua jogando bala para as crianças, toda feliz porque ganhou no bicho.

Num belo dia, ainda criança, eu fui e fiz a minha própria aposta. Tinha um dinheirinho na mão, fiz minha aposta e ganhei. Creio que a partir dali eu fui fisgado. Quando, mais tarde, já maior, comecei a trabalhar e a ter dinheiro, gradualmente fui

realizando apostas, fui jogando, jogando e jogando, até me tornar um compulsivo, talvez pela prática, talvez por pensar tanto em jogo, talvez por querer, através do jogo, dar um jeito na minha vida, ficar rico, resolver tudo numa cacetada só, digamos assim. E aí eu desenvolvi a compulsão. Com 31 anos eu estava já casado, com três filhos pequenos, bem pequeninhos, jogando todo o meu pagamento de funcionário público; estava endividado com todos os agiotas do departamento em que eu trabalhava - pegava dinheiro com um para pagar o outro e com outro para pagar o outro; com a conta no banco estourada, cheque especial estourado. E fingindo, mentindo que fui assaltado no dia do pagamento, porque não tinha dinheiro quando chegava em casa. Foi quando eu busquei ajuda.

Geralmente o jogador compulsivo vai buscar ajuda diante de uma situação dessa. Enquanto ele vai tendo alimento para o seu jogo, continuará jogando até que ocorra alguma situação em que ele pode vir a querer se matar, que pode vir a não encontrar saída, aí ele pode vir a procurar e encontrar um grupo de Jogadores Anônimos.

Quanto à outra parte da sua pergunta, eu percebi um outro aspecto do jogo quando foram abertos os bingos, em que um grande número de mulheres chegou na Irmandade. Pessoas idosas, que talvez pelo aspecto da fuga, talvez pelo aspecto de querer fazer alguma coisa para ocupar seu tempo... então tem vários aspectos que podem levar alguém ao jogo - no meu modo de ver, não sou especialista, falo isso por minha experiência pessoal e por minha observação nos grupos de Jogadores Anônimos.

Hoje chegam os jovens, talvez porque esse tempo de incubação do jogo tenha diminuído, porque a coisa está muito rápida. Quando você joga no bicho, como era antigamente, você tinha uma, duas, três extrações. Agora você, num clique, pode jogar todo o seu dinheiro. Então, eu vejo a questão da velocidade. A destruição vem muito mais rápido hoje.

Sérgio Rondino - Agora, a pergunta é do cientista político Rogério Schmitt.

Rogério Schmitt - João, você mencionou que já está há mais de 30 anos afastado do vício. Então, em primeiro lugar, parabéns por esse período de sobriedade. Mas eu queria, se fosse possível, que você relatasse algum caso bem dramático de outra pessoa que tenha passado por uma situação parecida com essa e que eventualmente, até o final da história, não tenha sido um final feliz. Daria para você fazer esse relato?

João - Olha, há vários casos. Durante muitos e muitos anos vi vários casos. Uma coisa que me impressionou, uma vez, foi a pessoa que entrou nos Jogadores Anônimos e já tinha ganhado na loteria. Já tinha ficado rica, ganhado na loteria, e aí aumentou o seu padrão de jogo e chegou falida nos Jogadores Anônimos.

Sérgio Rondino - O próximo a perguntar é o economista Roberto Macedo.

Roberto Macedo - Bem, eu não vou fazer propriamente uma pergunta, mas uma observação. Três coisas me chamaram a atenção. Primeiro, que o pessoal paga as bets com cartão de crédito. E o endividamento aumentou muito. Eu soube que o governo baixou umas resoluções sobre as bets e vai proibir o cartão de crédito do ano que vem. O cartão de crédito incentiva muito o jogo. Outro aspecto foi o senador do PSD, Omar Aziz, que falou que tem casos que as famílias se degeneram e há até suicídios. O que mais me chamou a atenção foi um estudo que concluiu que o jogo pelas bets prejudica quem está interessado em fazer um curso de graduação pago. Eu achei isso uma coisa terrível. Vejam o nível cultural da população. Você vai jogar nas bets e desiste de estudar. 36% dos

entrevistados desistiram do curso de graduação para fazer apostas nas bets. Isso é um horror.

João - Essa questão acho que cabe aos senhores que são políticos discutir e encontrar solução. Nós, Jogadores Anônimos, estamos preocupados em cuidar de nós mesmos, porque tendo ou não tendo jogo, legal ou ilegal, pagando ou não pagando imposto, a gente tem que se manter abstinente e recuperar a nossa própria vida.

Vejam que os Alcoólicos Anônimos não foram fechar os bares, eles saíram dos bares. Um alcoólico não entra num bar. Se ele for entrar em um bar, possivelmente vai dar o primeiro gole.

Há uma frase de Alcoólicos Anônimos que serve para todas as demais irmandades. "Evite lugares, pessoas e situações da ativa". Então, se eu sou um jogador compulsivo, eu vou evitar pessoas que jogam, lugares onde tem jogo e situações que possam me conduzir ao jogo. Sendo assim, eu tenho a garantia de que estarei abstinente do jogo, sendo uma pessoa útil à sociedade. Se eu cheguei a esse período de abstinência - 33 anos, pela graça de Deus - é porque encontrei um caminho e não questioneei esse caminho, que foi o programa de recuperação, os grupos, estender a mão para quem chega pedindo ajuda e, dessa forma, o mundo do jogo deixou de me interessar. Se eu começar a querer discutir a questão do jogo, quem sou eu para fazer isso? Acredito até que o jogo chegou ao ponto que está hoje porque eu dei a minha contribuição lá atrás.

Sérgio Rondino - A próxima questão é do sociólogo Tulio Kahn.

Tulio Kahn - João, me chamou atenção que você usa o termo irmandade para se referir aos membros. Por outro lado, você encara a compulsão ao jogo como uma doença. Eu queria saber como é esse programa de recuperação que vocês fazem? Tem

auxílio de mentores religiosos, psicólogos, usam medicação? O que vocês usam nesse programa como terapia para quem é jogador compulsivo?

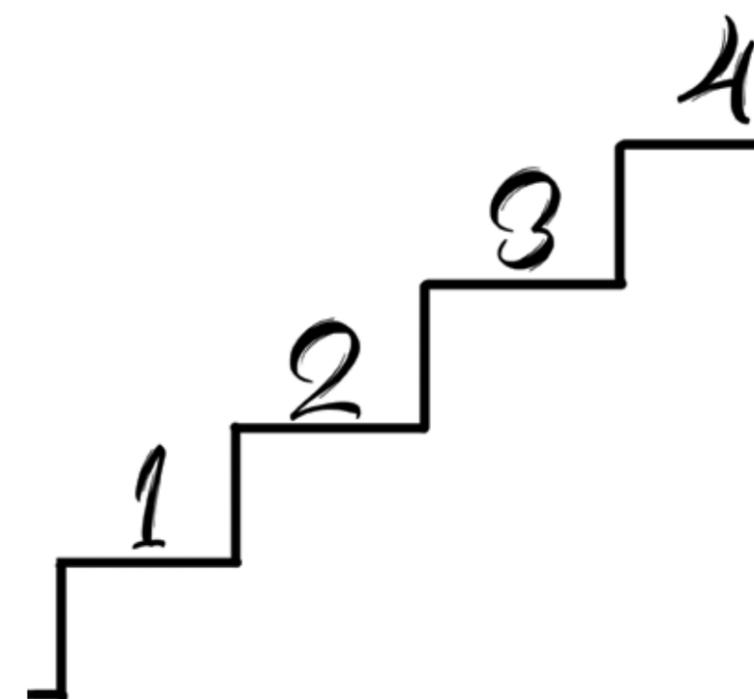
João - O programa de recuperação de Jogadores Anônimos tem 12 passos. Eu posso tentar enumerá-los aqui. O primeiro passo é admitirmos que éramos impotentes perante o jogo e que nossas vidas haviam se tornado ingovernáveis. Então, eu chego na irmandade em função dos problemas que ocorreram comigo. Quando eu vou buscar essa ajuda é porque eu já admiti, de alguma forma, que não tenho como deter a minha compulsão. Então, entro no grupo, admito que sou impotente e que perdi o controle da minha vida.

O segundo passo é acreditar em um poder superior a mim mesmo, e que esse poder poderia me trazer de volta a uma maneira normal de pensar e viver. Por que poder superior? Porque esse poder superior pode ser Deus, se eu acreditar em Deus, pode ser o próprio grupo, se eu for descrente de Deus, pode ser a literatura, pode ser a reunião... Daí a irmandade torna-se algo abrangente, que vai abraçar não só aquele que tem fé em Deus, da maneira que ele O conceba, que tenha a religião X ou Y, quanto aquele que não tem religião nenhuma.

E no terceiro passo eu tomo a decisão de entregar a minha vida e a minha vontade aos cuidados desse poder superior do meu entendimento.

Aí vem o passo em que eu faço o minucioso e destemido inventário moral e financeiro de mim mesmo, que é o passo 4, onde eu vou descobrir os meus defeitos de caráter, vou levantar as dívidas que eu acumulei com o jogo.

No quinto passo eu admito a outro ser humano a natureza exata das minhas falhas. Quer dizer, tudo aquilo que eu encontrei no meu inventário moral de defeitos, que eu não via e que só fui ver a partir do momento que eu ingressei em uma irmandade, confesso para outra pessoa. Isso vai se dar muito



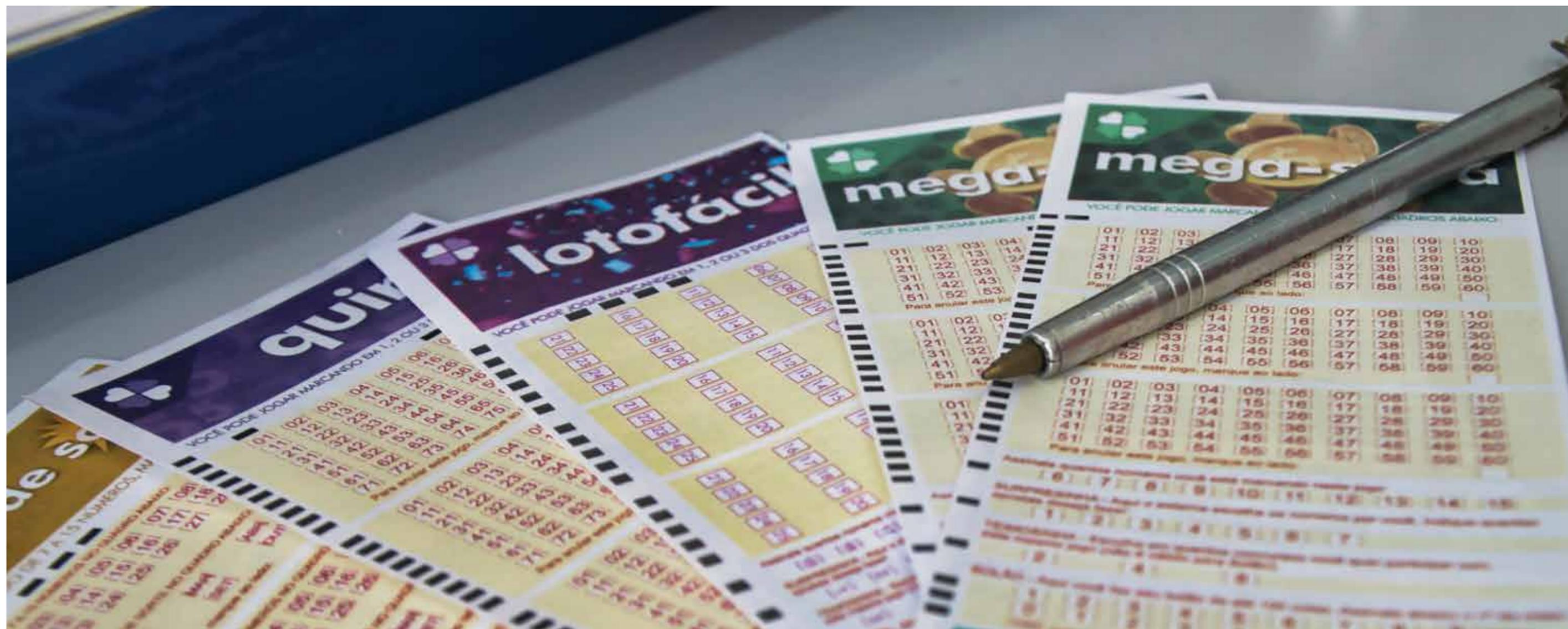
no grupo, vai se dar muito com meus padrinhos de grupo, que são pessoas que têm uma experiência, uma rodagem maior na irmandade.

E no sexto passo eu fico inteiramente disposto a aceitar que o meu poder superior remova esses defeitos.

No sétimo passo eu peço ao Deus do meu entendimento que remova as minhas imperfeições. Que imperfeições são essas? São aquelas que eu mesmo apurei no passo quatro e que no passo cinco eu admiti perante outra pessoa.

No oitavo passo eu faço uma lista de todas as pessoas a quem eu prejudiquei, seja financeira ou emocionalmente.

No nono passo, eu peço perdão àquelas pessoas a quem eu prejudiquei e tento, dentro das minhas condições, reparar esse prejuízo. Isso abraça tanto eu pedir perdão à minha esposa, aos meus familiares, aos meus amigos, quanto a pagar as minhas dívidas dentro das minhas condições. Alguns Jogadores Anônimos podem levar anos e anos para pagar a sua



dívida. Ou outros podem ter uma situação melhor e levar menos tempo.

No décimo passo eu continuo a fazer um inventário pessoal e sempre que eu estou errado eu prontamente admito. E isso é o dia a dia. Agora mesmo eu posso conversar com vocês, cometer uma falha e a seguir pedir perdão por essa falha cometida. Isso nada mais é do que o relacionamento normal que se pede das pessoas, admitir o erro que cometeu e pedir perdão pelo erro.

No décimo-primeiro passo eu procuro, por

meio da meditação e da oração, melhorar o meu contato consciente com Deus, da maneira que eu O entendo, pedindo somente pelo conhecimento da sua vontade perante a mim e a capacidade de realizar essa vontade.

E no décimo-segundo passo, eu, tendo feito um esforço para praticar todos esses passos nas minhas questões, começo então a levar a mensagem dos Jogadores Anônimos àqueles que sofrem.

Então, esses são os 12 passos de recuperação de Jogadores Anônimos, que nada mais são do

que os passos de Alcoólicos Anônimos que foram adaptados para todas as irmandades anônimas, que são dezenas.

Sérgio Rondino - Ótimo roteiro. Deu para a gente entender perfeitamente como é o trabalho, não deve ser fácil e deve exigir muita humildade daqueles que procuram a irmandade para pedir ajuda. A próxima questão vem da secretária da Fundação Espaço Democrático, também secretária nacional do PSD Mulher, senadora suplente Ivani Boscolo.

Ivani Boscolo - Boa tarde, João. Eu ia fazer uma pergunta, você já respondeu um pedacinho. Eu ia perguntar se a maioria dos que procuram a Irmandade é de homens ou mulheres. Você citou que na época dos bingos - eu lembro bem daquela época - você via muito mais mulheres entrando nos bingos. Ou era para ocupar o tempo, ou era por distração, ou para arranjar alguma coisa para fazer. Mas hoje isso é assim também? Mais mulheres procuram? Porque a internet, para as pessoas de



mais idade, eu diria na terceira idade, já não é uma coisa tão usual. Muitas mulheres de mais idade usam a internet, mas não como os jovens usam. Isso causou a diferença? As mulheres continuam sendo a maioria? Pela dificuldade de usar a internet, isso diminuiu e passou a ser só para jovens?

João - Hoje voltou a ter uma predominância muito grande dos homens na Irmandade de Jogadores Anônimos. No tempo dos bingos, de fato, chegou-se a ter quase a equiparação entre os sexos feminino e masculino. E também um grande aumento de pessoas de terceira idade, senhoras que chegavam. E hoje isso diminuiu, diminuiu muito e começaram a chegar os jovens. Acredito que cada tipo de jogo possa atrair algum público específico.



Helio Michelini - Eu queria questionar sobre o marco legal. Você falou que as tecnologias vão avançando e vão surgindo os problemas. Criam-se facilidades e dificuldades. Você também falou que fez muito paralelo com relação às outras irmandades, que tratam narcóticos, que tratam o álcool. Só que nessas irmandades, a minha impressão é que elas têm um marco regulatório mais direcionado, pois você tem o álcool ou você tem as drogas. Na questão do jogo, se a gente pensar pelo prisma da aposta compulsiva, entraria o mercado de capitais, as ações, as criptomoedas, qualquer aposta. Ou seja, quais os critérios que deveriam orientar um

marco regulatório? Por exemplo, a origem e destino dos recursos, o setor - se é esporte, se são jogos de azar. O que as boas práticas do mundo têm apontado? Que direção, para a gente pensar em um marco regulatório que imponha menos sofrimento ou que proteja melhor as pessoas?

João - Também existem pessoas nos Jogadores Anônimos que vieram das bolsas de valores, que são compulsivos pela aposta nas bolsas de valores. Quem define se é compulsiva ou não é a própria pessoa, por meio da sua própria experiência, entendeu? Então, quando alguém chega nos Jogadores Anônimos são oferecidas 20 perguntas. Por meio dessas 20 perguntas a própria pessoa é que irá definir se é uma jogadora compulsiva ou não. A gente não avalia e não diagnostica se é um jogador compulsivo. Ela própria responde se é ou não. Eu posso aqui enumerar, para não me estender demais, algumas destas perguntas, se for o caso.

1 - Você já perdeu horas de trabalho ou da escola devido ao jogo?

2 - Alguma vez o jogo já causou infelicidade na sua vida familiar?

3 - O jogo afetou a sua reputação?

4 - Você sentiu remorso após jogar?

5 - Alguma vez você já jogou para obter dinheiro para pagar dívidas ou então resolver dificuldades financeiras?

6 - O jogo causou uma diminuição na sua ambição ou eficiência?

7 - Após ter perdido, você sentiu como se necessitasse voltar o mais cedo possível e recuperar suas perdas?

8 - Após um ganho, você sentiu uma forte vontade de voltar e ganhar mais?

9 - Você geralmente jogava até que seu último centavo acabasse?

10 - Você já pediu dinheiro emprestado para financiar seu jogo?

E vai por aí até a pergunta 20.

Quando uma pessoa ingressa na Irmandade já tem de cara essas perguntas, e acho que já fica bem claro para a própria pessoa se ela é compulsiva ou não. Porque ninguém convence ninguém de nada. É a experiência, é o sofrimento de cada um que vai definir se precisa fazer essa mudança.

Sérgio Rondino - Agora, de novo, o Rubens tem uma questão.

Rubens Figueiredo - É só uma observação rápida. João, a gente tem tipos de jogos, né? Tem o jogo de sorte. Você compra um bilhete na Loteria Federal, isso é só sorte, né? Inclusive tinha um livro, Como Ganhar na Loto, à venda. E eu me perguntei: "Pô, por que o cara, em vez de escrever um livro sobre como ganhar, não ganha, né?" Tem sorte mais habilidade, um jogo de pôquer, vamos dizer. Você tem sorte e você tem habilidade. E um jogo que, pelo menos, pressupõe algum tipo de conhecimento, como a Loteria Esportiva, por exemplo. Ou essas bets que apostam em jogo de futebol. Nesses três, sorte, sorte mais habilidade ou conhecimento. Qual, pela sua experiência, você acha que vicia mais?

João - Bom, eu não joguei nas Bets. Eu estou longe das Bets. A única coisa que eu vejo, não sei se vicia mais ou que vicia menos, é que cada tipo de jogo atrai um tipo de público. Uma pessoa de terceira idade vai querer aqueles jogos mais tradicionais, se for um jogador compulsivo. E o jovem não vai jogar no bicho, dificilmente. Ele vai jogar na Bet, assistindo ao jogo de futebol com a turma dele, tomando a sua cerveja.

Muitas vezes, o jogador compulsivo vai para o estádio e torce contra o time dele porque fez a aposta contrária. Então, aquilo já deixa de ser um lazer, uma atividade, para ser outra coisa, né? Tem muito isso aí.

Sérgio Rondino - O Januario Montone tem mais uma questão, por favor.

Januario Montone - João, na verdade são duas. Uma é assim: todas as irmandades anônimas acabam tendo como linha mestra a abstinência, né? É a abstinência do jogo, a abstinência do narco, a abstinência do álcool. Mas eu imagino que o número de abandono e recaída também, pelo menos no caso dos narcóticos, que eu acompanhei mais, e do álcool, é bastante grande. No caso dos Jogadores Anônimos, como funciona isso? Se a pessoa sai e volta ela é aceita e é, vamos dizer, amparada da mesma forma? A outra questão é o 12º passo, que transforma o jogador compulsivo em agente de apoio a outras pessoas, teoricamente, continua participando e ajudando outras pessoas. Eu tenho curiosidade de saber quantos dos que chegam ao 12º passo, continuam, digamos assim, militando nos Jogadores Anônimos. Ou se a maioria resolve o seu problema pessoal e aí deixa de frequentar a irmandade.

João - Isso depende do envolvimento. Tudo na vida é envolvimento. Num grupo não vai ser diferente. Por exemplo, eu estou no Rio de Janeiro, tem reunião todos os dias, em algum bairro tem uma reunião de Jogadores Anônimos, às vezes mais de uma reunião em vários bairros. Então, se eu estou procurando ajuda, se eu estou consciente de que tenho uma doença e que essa doença vai me destruir, ela é progressiva e fatal, eu vou correr atrás e vou ao máximo de reuniões possíveis. Logicamente, se a pessoa for ao máximo de reuniões, der o seu melhor, ela dificilmente voltará a jogar porque ela vai ser conhecida por várias pessoas na irmandade, vai envolver-se com a irmandade de uma maneira mais abrangente. Agora, se colocar um pezinho dentro e outro fora, o pezinho de fora vai pesar mais.

Sobre o 12º passo: há pessoas que já chegam e estão fazendo o 12º passo. O que eu estou

fazendo é um 12º passo. Se tivesse alguém aqui que não conhecesse o programa, não poderia lidar e responder a todas essas perguntas. Então a pessoa que vai fazer o 12º passo tem que estar preparada.

Agora, existem vários décimos-segundo passos. Por exemplo, a gente tinha um rapaz que era motorista de táxi, que frequentava Jogadores Anônimos, e muita gente que chegava no grupo da Tijuca, chegava por conta dele, por causa dele. Porque simplesmente o táxi dele fazia ponto em frente ao bingo. Então, quando a pessoa saía do bingo desesperada, ele entregava um papelzinho de Jogadores Anônimos e depois a pessoa aparecia no grupo da Tijuca. "Olha, eu recebi isso aqui, está acontecendo isso". Então você vê a eficiência do 12º passo que ele tinha, sem dar sequer uma palavra, ele só entregava um papelzinho. Então, há várias formas de 12º passo.

Eduardo Mattos - João, vocês têm ideia de quantos grupos existem no Brasil, nos Jogadores Anônimos? Existe uma organização, uma contabilidade disso? E a outra coisa, quantas pessoas desistem no meio do caminho?

João - Onde é o meio do caminho? O programa é um dia de cada vez. Se você chega aos 33 anos, como eu cheguei, é porque você vivenciou um dia de cada vez. E um dia sucede outro dia. A gente não tem certeza se amanhã estaremos vivos, então a gente vai viver o dia de hoje. Em tudo na vida. Não estou falando coisa de J.A, estou falando da vida. Se você ficar preocupado com o dia de amanhã, você deixa de trabalhar o dia de hoje. Então, é uma sucessão, o jogador compulsivo, quando estava jogando, não tinha hoje, não tinha amanhã, não tinha ontem. O que tinha é ele estar diante de uma máquina, deixando os problemas da vida para os outros resolverem, arrumando mais problemas ainda e o mundo passando lá fora. O que a gente

faz hoje é parar de jogar só por hoje, né? E ter uma vida normal com a família, muitos se separam, arrumam outro casamento, ou não se casam, ou vão estudar, fazer as atividades da vida normal. Vai ser uma pessoa útil na sociedade. Agora, isso é... não tem meio do caminho. O meio do caminho talvez seja o meio do dia.

Eduardo Mattos - E o número de grupos, vocês têm ideia de quantos grupos existem no Brasil?

João - Nos últimos dez meses foram abertos em Brasília, Fortaleza, Belém, Natal, Maceió, Campos, Juiz de Fora e Campinas. Antes tínhamos vários grupos no Rio de Janeiro, São Paulo, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, Campo Grande, que é Mato Grosso do Sul, Salvador, Paraíba.

Eu não tenho como lhe dizer esse número, mas já existem grupos em várias capitais do Brasil e em outras capitais a gente está tentando juntar pessoas para abrir um grupo. Um grupo é a coisa mais simples do mundo. Basta você reunir dois jogadores compulsivos que queiram parar de jogar e que se reúnam para isso. Vão se reunir, vão falar de si. Não tem profissional, não tem psicólogo, não tem psiquiatra, não tem padre, não tem pastor. O que tem é um jogador com desejo de parar de jogar, ajudando ao outro, tentando aplicar um programa de recuperação nas suas vidas com um tanto de responsabilidade e muito boa vontade.

Porque nem mesmo a força de vontade é capaz de fazer o jogador compulsivo parar. O que ele tem é que ter boa vontade e pôr em prática o programa que o Deus da maneira que ele O concebe vai tirar dele esse desejo, essa compulsão, e vai restituir a ele uma vida normal. É a coisa mais simples do mundo. Incrível.

Sérgio Rondino - Agradeço demais pela sua gentileza de participar conosco aqui dessa reunião. Eu queria dizer - opinião pessoal minha - há muita, muita grandeza nesse trabalho de vocês, especialmente pelo seu caráter anônimo. Nós estamos tratando você aqui como o João dos Jogadores Anônimos porque você pediu para continuar sendo anônimo. Isso é muito interessante. Eu queria deixar para você, se você quiser, se quer deixar algum contato do grupo, da irmandade, para que pessoas que venham a ler a revista que a gente vai fazer ou ouçam o podcast e estejam precisando de ajuda, entrem em contato.

João - O contato mais simples é através do site www.jogadoresanonimos.com.br. Quem entrar lá no site vai encontrar um botãozinho de WhatsApp verdinho, escrito linha de ajuda. E quando a pessoa clica ali do seu próprio celular é dirigida para uma espécie de call center de WhatsApp, onde as pessoas darão informação, vão passar os horários de reuniões presenciais e on-line para quem não tem grupo na sua cidade. É o caminho, hoje tem local para quem quer parar de jogar. E se a pessoa quiser continuar jogando, o problema é dela, mas se quiser parar de jogar, aí o problema é com Jogadores Anônimos.

Sérgio Rondino - Então, aqui em nome de todos os nossos companheiros do Espaço Democrático, em nome da fundação, eu queria agradecer mais uma vez a você pela gentileza da participação. Muito obrigado, e até uma próxima oportunidade. Parabéns.

João - Muito obrigado, eu agradeço pelo interesse nos Jogadores Anônimos.



<p>Presidente Alfredo Cotait Neto</p> <p>Coordenador Nacional de Formação Política Raimundo Colombo</p> <p>Coordenador Nacional de Relações Institucionais Vilmar Rocha</p> <p>Secretária Ivani Boscolo</p> <p>Diretor Superintendente João Francisco Aprá</p>	<p>Conselho Consultivo</p> <p>Presidente Guilherme Afif Domingos</p> <p>Conselheiros Alda Marco Antonio André de Paula Cláudio Lembo Omar Aziz Otto Alencar Rafael Greca Ricardo Patah</p>	<p>Conselho Superior de Orientação</p> <p>Presidente Gilberto Kassab</p> <p>Conselheiros Antonio Brito Carlos Massa Ratinho Junior Eduardo Braide Eduardo Paes Fuad Noman Guilherme Campos Letícia Boll Vargas Rodrigo Pacheco Samuel Hanan Topazio Silveira Neto</p>
---	---	---



www.espacodemocratico.org.br